

A dívida e a demagogia

AUSTREGESILO
DE ATHAYDE

Houve nesta cidade, semana passada, uma manifestação pública, armada como é do estilo moderno, de faixas e cartazes, em que se pregava nada menos do que o repúdio da dívida externa do país. No mesmo momento e em outras Repúblicas da América Latina organizaram-se demonstrações iguais, arregimentando-se o povo para exigir dos governos que deixem de honrar os seus compromissos de devedores, com a inevitável consequência do caos das finanças internacionais. Tudo fruto da ingenuidade dos manifestantes mal informados sobre a natureza desse endividamento e das relações de interdependência entre os que devem e os que emprestam. Nenhum Governo, dotado do mínimo de responsabilidade, aceitará o papel de relapso e caloteiro que o Primeiro-Ministro de Cuba, Fidel Castro, por motivos ideológicos, lança aos ventos da insensatez que caracteriza as multidões.

O Brasil não forma na linha dos que acham fácil voltar-se para o FMI e para os banqueiros que confiaram na sua respeitabilidade, comunicando-lhes que optamos pela falcatrua e o engodo. Não é da nossa tradição esse procedimento estigmatizante da dignidade nacional. A nossa linguagem é outra. O presidente José Sarney disse, em seu discurso pronunciado na ONU, em muito boa prosa e harmoniosos versos. Vamos pagar até o último centavo, mas dentro de condições lógicas e humanas que permitam esse pagamento. Sem o sacrifício do que para nós é essencial: um nível mínimo de desenvolvimento. E sem que, para desobrigar-nos da dívida, tenhamos de fazê-lo com o preço das nossas liberdades públicas.

Esse é um outro cantar, lógico e inquestionável. Nesse sentido é que agem os nossos representantes nos encontros em que discutimos com os credores. Esses, por sua vez, compreendem as nossas razões e inclinam-se a aceitá-las. Sabem que fora de um acordo, em que cada qual ceda um pouco, só haverá Gehenas e ranger de dentes. O Presidente da França, François Mitterrand, aconselhou o povo brasileiro a esquecer o pesadelo do seu imenso débito. Puro conselho, dado de boa vontade, com a famosa cortesia gaulesa. Mas há outros melindres de nossa sensibilidade que impõem permanente vigília no assunto.